**O CONSERVADORISMO "CLÁSSICO" E O NEOCONSERVADORIMO**

**CONTEMPORANEO NO CONTEXTO DA SOCIEDADE DE CLASSES:**

**Proximidades E DISTANCIAMENTOS**

Vitória Regina da Silva - estudante (PIC – Unespar)

Unespar/*Campus* Apucarana, vitoriaregina9844@gmail.com

Elson Alves de Lima - orientador

Unespar/*Campus* Apucarana, elson.lima@ies.unespar.edu.br

Modalidade: Pesquisa – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)

Grande Área do Conhecimento: Ciências Humanas

**INTRODUÇÃO**

A pesquisa busca compreender o conservadorismo “clássico” e como esse contribuiu no engendramento da sociedade de classes capitalista. Assim como, procuramos captar melhor sobre a dinâmica do neoconservadorismo que, desdobrado do conservadorismo “clássico”, assume o neoliberalismo como sua tese central mais recente a defesa dos interesses da classe dominante em oposição aos interesses das classes trabalhadoras. Tais desdobramentos apontam para uma forma de governabilidade política com características autoritárias e reacionárias por parte daqueles governantes que recém haviam chegado ao poder em seus países: Donald Trump nos EUA e Jair Messias Bolsonaro no Brasil revelam a força do neoconservadorismo contemporâneo atuando em direção oposta à dos interesses dos movimentos e das forças sociais que se opõem às determinações do sistema capitalista vigente.

A opção pelo emprego do método de investigação do Materialismo Histórico e Dialético de Karl Marx (1818 -1883) foi pensada a partir do entendimento de que o mesmo consegue apreender de forma densa a problemática social, através de sua profundidade ao observar os fenômenos sociais, auxiliando-nos na captação da totalidade dos elementos que envolvem e compõem a realidade social complexa e em suas múltiplas contradições e determinações.

Sob a orientação do método de investigação acima, realizamos também uma pesquisa

básica, bibliográfica, teórica, documental, sob análise de conteúdo do material pesquisado, baseado em produções científicas das áreas das Ciências Sociais e das Ciências Sociais Aplicadas respectivamente, entre obras científicas como: portal *Scielo*, Revistas *Katálysis*, Ser Social, Revista em Pauta, *Argumentun*, Revista *Temporalis*, Serviço Social & Sociedade, por meio da busca *booleana[[1]](#footnote-1)* em portais de revistas científicas, tanto no formato eletrônico (*online*) quanto impresso, dentre outras.

 Desta forma, intentamos por fomentar o processo de formação pessoal e profissional na área de conhecimento pretendida, no curso de Serviço Social da UNESPAR – Campus de Apucarana e em relação a uma maior aproximação ao objeto estudado.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

Como forma de aproximação e ao mesmo tempo de distanciamento em relação à pesquisa realizada, utilizou-se de um levantamento de dados que pode ser considerado seguro, ao lançarmos mão de um mapeamento acerca dos artigos que tratam da referida temática, através das revistas como: Serviço Social & Sociedade, *Katálysis*, *Temporalis*, Ser Social, Serviço Social em Revista, dentre outras.

Assim, realizamos também buscas na Biblioteca pública da Universidade Estadual do Paraná - Campus de Apucarana, quanto em documentos alojados junto à Rede Mundial de Computadores (Internet), de modo à melhor nos aproximarmos do objeto circunscrito. A fim de que pudéssemos oferecer constatações que ultrapassassem o “pseudoconcreto”, ou seja, aquela fase da análise de conjuntura que por ser restrita ao imediato, ao não despertar um processo dialético que permita enxergar a realidade complexa para além do aparente (KOSIK, 2002).

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

**Figura 1**: Etapas do processo de mapeamento dos artigos



**Fonte:** Elaborado pela própria autora[[2]](#footnote-2).

Segundo o mapeamento dos artigos científicos selecionados e identificados com as palavras-chave destacadas, realizamos a busca, destacando-se o "conservadorismo" e "neoconservadorismo". Através da pesquisa bibliográfica realizada, visualizamos um aumento exponencial do número de artigos publicados entre o período de 2018 a 2023 e também um número significativo de produções científicas encontrado no ano de 2015.

Isso demonstra que, tendo em vista o avanço da ideologia neoliberal, com efeitos diretos no aumento da competitividade, observou-se a instauração a lógica corporificada do processo de financeirização da economia em escala global, alcançando o mundo capitalista como um todo, atingindo todas as relações sociais, exacerbado pela ambição e pela valorização meritocrática dos indivíduos.

O governo federal, sob o comando do governo de Jair Messias Bolsonaro, demonstrou a força do neoconservadorismo contemporâneo e de como as elites dominantes não estão preocupadas com nenhum tipo de avanço civilizatório, apenas com seus lucros mais imediatos, atuando fortemente em prol da reprodução da lógica do capital. O bolsonarismo apresentou, de forma acabada, a ascensão de forças subterrâneas ao avanço da humanidade, através da vil exposição humana à morte (seja pela fome, miséria e desemprego, ou pela falta de oxigênio ou vacinas, quanto pela exposição às chacinas ou às armas). Bem como, criou uma política de Estado eliminacionista, sobretudo das camadas mais oprimidas da classe trabalhadora.

Tal processo nefasto, apresentado pelo bolsonarismo, resultou no massacre da grande maioria da população brasileira, contribuindo de forma explícita na desarticulação dos movimentos sociais, partidos e sindicatos de oposição ao modelo vigente, tanto e quanto pela enorme desmobilização política e social embasada no neoconservadorismo de ultradireita.

O que se observa de forma inegável é um maior número de produções impressas de que tratam da temática do conservadorismo e do neoconservadorismo, em relação aos quatro anos de vigência do governo de ultradireita de Bolsonaro. O governo foi considerado omisso por não atender minimamente aos anseios da população brasileira durante o avanço e o respectivo combate à pandemia mundial da Covid19, além de se posicionar, lutar e ficar ao lado e claramente defender os interesses dos proprietários dos meios de produção da classe burguesa brasileira e de garantir condições favoráveis ao avanço do capital, principalmente dos setores do agronegócio (grandes latifundiários), do mundo armamentista (liberação desenfreada de armas para a população, expandindo-se às facções criminosas), aos setores das forças de segurança (aumento exponencial de militares no poder, sob inúmeras benesses, recursos e salários), ao neopentecostalismo (apoio às igrejas e partilha do poder político a pastores fundamentalistas), bem como, ao setor financeiro (o governo alavancando a reprodução capitalista, sob a direção de um ministro da economia ultraliberal).

Nesta perspectiva, por meio da coleta de dados, detectamos no levantamento do número de artigos das revistas selecionadas, bem como aquelas reconhecidas pelo Serviço Social brasileiro, o reconhecimento das produções calcadas na realidade objetiva, junto ao contexto histórico-social e material da própria sociedade capitalista de classes. O que equivale a dizer que não se "explica a prática segundo a idéia, explica a formação das idéias segundo a prática material” (MARX e ENGELS, 1998, p. 36).

Deste modo, mais especificamente, o maior número de publicações encontradas diz respeito ao período compreendido entre o ano de 2018-2022, composto por um líder de ultradireita que definiu os rumos da direção política brasileira de forma extremamente desastrosa. Neste contexto, foi possível observar que dentre as revistas pesquisadas, as que tiveram o maior número de publicações e que tratavam do assunto observado foram a Revista *Katálysis* e a Revista *Temporalis*. No gráfico abaixo é possível observar os índices por ano do número de publicações realizadas.

**Gráfico 1** – Número de Artigos Encontrados: Revista Katálysis e Revista Temporalis por ano, entre o período compreendido de 2018-2022.



**Fonte**: Elaborado pela própria autora, 2023.

**A presença do conservadorismo “clássico” no engendramento da sociedade de classes capitalista**

O fim da ordem feudal foi constituído por um longo caminho de transição, agudizado pelas lutas dos senhores feudais contra os servos, apontando em direção a uma revolução social-burguesa, por meio do surgimento de uma nova camada de comerciantes que financiaram o Estado Absolutista com a finalidade de sua superação, a partir do uso de setores das forças armadas na superação do Antigo Regime. Tal processo culminou em condições favoráveis para o triunfo da burguesia, enquanto classe dominante.

O desenvolvimento de novas forças produtivas, através da intercorrência do consumo e da mercadoria trazidas pelo novo modo de produção, foi fomentado a partir do desenvolvimento do capital mercantil, movido pelo dinheiro. Trata-se do modo de produção capitalista que ao se constituir condicionado na propriedade privada dos meios de produção e na dominação e exploração da força de trabalho humana, reduz as relações sociais em meras relações monetárias de mercadoria (NETTO, 2016). Numa clara aversão à evolução social burguesa, o conservadorismo clássico sustentado por Edmund Burke (1729-1797), constituía-se enquanto um fundamento ideológico e de posição marcadamente antirrevolucionária, por ideias clarificadas em seu livro: Reflexão sobre a Revolução em França de 1789, em que apresentou os fundamentos do conservadorismo clássico, sob um conteúdo contrário a qualquer tipo de revolução. Em geral, suas bases estão centradas na manutenção da ordem vigente, bem como no período da Revolução Gloriosa inglesa (1688-1689), na configuração da monarquia constitucional que, segundo Burke, se mostrou importante para conservar a ideia de liberdade que deu margem às leis naturais do homem, em sua visão liberal (SCRUTON, 2019).

Desse modo, o conservadorismo clássico se caracteriza pela tradição relacionada aos costumes; apresentando-se como defensor da propriedade privada individual; crítico ao excesso da ideia ou de negação da razão como forma de rejeição do racional, através do ceticismo. Entretanto, embora assuma esse discurso, segundo Souza (2016), as características do conservadorismo clássico não passam da busca por induzir os adeptos dessa ideologia a eliminar todo pensamento societário que se mostre como sendo um protagonista revolucionário, tal qual é o proletariado[[3]](#footnote-3).

No fim das contas, o que Burke construía era uma ideologia que preservasse os interesses da ordem dominante. Sobretudo, foi com a derrota do antigo regime feudal pós1748, potencializado pelo sistema de troca em função do excedente e da expansão das atividades mercantis, que se tornou perceptível o abandono da sociedade pré-burguesa pela revolução burguesa, carregada por um conjunto de transformações societárias com modificações sociais, econômicas, políticas e de ordem também demográficas.

Sob o peso da Primeira Revolução Industrial (1760-1860), entre o avanço do processo de industrialização e o extermínio dos pequenos proprietários rurais, sob a onda do novo modelo subordinado à adesão da maquinaria, pela via da intensificação nas formas de precarização das condições de vida e de trabalho da classe trabalhadora, observou-se a elevação dos níveis de desigualdade social, alastrando-se por entre a pobreza, a fome e a miséria, enquanto fatores derivados dos conflitos oriundos da luta de classes.

Nesta proporção, ocorre o aumento das reivindicações advindas da nascente classe social do proletariado e das mobilizações sociais realizadas, gerando uma maior pressão política sob os detentores do poder estabelecido. Em resposta, o que se observa por sua vez, é que a burguesia dominante, pressionada pelas reivindicações trazidas pelo movimento operário, muda seu percurso ao caminhar em direção oposta às alternativas revolucionárias que vinham ocorrendo com frequência. Assim, a burguesia assenta-se de forma duradoura no poder, ao estabelecer sua condição de classe social dominante e hegemônica. A burguesia, agora atuando na condição de uma classe dominante, auxilia, reforça e reproduz a lógica do capital, ao mesmo tempo em que apoia, de forma recorrente, às tendências conservadoras, salvacionistas, eliminacionistas, preconceituosas, moralistas e fundamentalistas para manter-se no poder.

Em síntese, tanto em relação à burguesia como um todo, quanto em relação à camada da pequena-burguesia de forma específica, até então vistas como classes revolucionárias (ao substituírem o mundo feudal pelo do capital), adotam ideias oriundas do pensamento conservador antirrevolucionário, para a manutenção de seus interesses de classe. O que ocorreu, portanto, foi que os pequenos-burgueses (camponeses e pequenos comerciantes) foram suprimidos pela grande burguesia (dominante), pois pairavam entre “o proletariado e a [grande] burguesia” (MARX; ENGELS, 2016, p. 72).

O conservadorismo moderno, desdobrado do conservadorismo “clássico” de Burke, contrário a qualquer tipo de alternativa oriunda da revolução, se junta agora à burguesia. Por conseguinte, antes revolucionária, a burguesia busca então por manter sua dominação de classe, na nova ordem societária em que a mesma teria forjado.

O projeto utilizado pela classe burguesa para tornar-se hegemônica, foi o de remover sua roupagem emancipatória - de substituição do mundo feudal, da então aristocracia francesa, pelo mundo do capital - ao hipervalorizar a propriedade privada dos meios de produção, onde o conservadorismo cumpriu um papel decisivo para que a burguesia encontrasse um terreno fértil na disseminação de seus interesses de classe, através da apropriação privada dos meios sociais de produção e consequente exploração e expropriação da força de trabalho vivo (Jamerson, 2016). Em suma, se pode notar que a burguesia adotou a convicção do uso dos valores, tradições e costumes do tradicionalismo conservador, favoráveis à sua hegemonia econômico‑social, política e cultural, utilizando-se da lógica da defesa da ordem do modo de produção do capital, a partir do emprego da (sua) moral.

**O neoconservadorismo desdobrado do conservadorismo “clássico” como forma de reprodução sistêmica do capital**

Em face deste cenário exposto até aqui, o conservadorismo ocupa um papel ou um espaço privilegiado no ordenamento da sociedade capitalista de classes. O mesmo tem servido diretamente aos interesses burgueses, por sinalizar à burguesia, a acusação, inibição, cerceamento ou anulação de toda e qualquer classe social despojada de um espírito ou de um protagonismo revolucionário, enquanto propagadora da desordem e da instauração do caos.

Neste sentido, a Sociologia encontra em Émile Durkheim (1858-1917) e no Positivismo de Auguste Comte (1798-1857), o escopo teórico necessário à permanência da classe social burguesa junto ao sistema hegemônico de dominação de classes. Nesse caso, como forma de se garantir uma fundamentação científica que fosse conveniente com o poder dominante, a ciência durkheimiana e do positivismo foi utilizada como mecanismo de representação de uma abordagem científica, sustentada pela figura do conservadorismo, justamente por se fazer presente “na raiz da ciência social que é filha direta do conservadorismo pós‑48, a sociologia” (Netto, Leila: 2011, p. 52 grifos da autora).

Por este caminho, concebemos que a burguesia na sociedade de classes, junto ao modelo de produção capitalista, não é capaz de aniquilar os conflitos de classes, mas contrariamente, contribui diretamente na criação de novos padrões de dominação. Posto que o conservadorismo, desde suas origens, apresenta um conjunto de concepções próprias e favoráveis às forças dominantes, ora colocando-se ao lado da monarquia absolutista, ora colocando-se ao lado da burguesa. Assim sendo, seja o conservadorismo antiburguês ou o conservadorismo antiproletário, ambos revelam a face de um conservadorismo que está para a ordem do comando dominante (Souza e Oliveira, 2018).

Contudo, os resultados do processo histórico de desenvolvimento do capital, colocado pela incoerência entre a concentração de renda e a riqueza socialmente produzida, ecoam pelas crises sistêmicas do capital, que resultam no atual projeto de conciliação de classes, por meio do neoconservadorismo sob um novo formato, em que influem manifestações fascitizantes da ultradireita dirigidas às camadas mais empobrecidas da classe média, mas sobretudo, em relação à classe trabalhadora como um todo.

No Brasil, como linha auxiliar da burguesia, através da tentativa de combater os efeitos da crise sistêmica do capital, tanto o bolsonarismo quanto o próprio neoconservadorismo foram utilizados pelo capital, na contenção do ímpeto contestador dos setores organizados da classe trabalhadora, por meio de condutas autoritárias, reacionárias e fascistas contra os seus interesses. Tal fenômeno já vinha ocorrendo em vários países do mundo, a exemplo disso "em 2018, oito países da União Europeia (Áustria, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, Itália, Polônia, Hungria e Eslováquia) " foram governados por partidos de extrema direita (Traverso, 2021, p. 11).

Neste sentido, um elemento fundamental das novas características expressa pelo neoconservadorismo, têm sido a proliferação de notícias falsas, por meio das chamadas *fakes news*. Jamais deslocada da condição oriunda da desigualdade social, a ascensão de uma classe sobre outra, significa a restrição à ampla informação, enquanto acesso socializado a bens e produtos socialmente produzidos, de caráter coletivo. Assim, o manejo da informação fica limitado há apenas uma parcela da população que pode ou tem condições de acessar à rede mundial de computadores (Internet), e de se buscar por informações que não sejam distorcidas.

Por esta razão, vale considerar o papel que as redes sociais ocuparam na ascensão da ultradireita no mundo como um todo, nos últimos anos. A classe trabalhadora, sobretudo, sentiu-se agudizada pelas recorrentes crises econômicas e sociais do período marcado pela pandemia da Covid-19 de 2020-2022. Os grandes contingentes populacionais da classe trabalhadora mundial foram expostos ao contágio e à própria propagação do vírus, pois não tiveram a possibilidade da adoção da política do “fique em casa”, pois foram obrigados a conviver entre espaços de trabalho pauperizados, precarizados, sob salários mais baixos e o risco iminente de morte pela doença.

Os operários fabris não foram suspensos da rotina de trabalho diária, tiveram cortes em seus salários e remunerações, observaram a extinção de seus postos de trabalho durante a crise sanitária da pandemia de Covid-19, inseridos em relações de trabalho informais, intermitentes, freelancers, uberizadas. Tal qual no setor urbano, a população dos segmentos rurais e periféricos enfrentavam a aglomeração dos espaços e dos setores mais contaminados com o vírus, perfilando as fileiras dos 705.054 mil mortos pela pandemia da Covid-19 (BRASIL, 2023).

Desta forma, ao isolamento social realizado, sobretudo pela pequena-burguesia, somou-se à propagação de informações falsas pela internet, utilizando-se da via cibernética, através das redes sociais, por meio de aplicativos como: *WhatsApp, Facebook, Instagram* dentre outros, capazes de produzirem as bases necessárias para a construção e a materialização ideológica do discurso de ódio que resultou em consequências nefastas à classe trabalhadora.

Ainda que o uso das redes sociais tenha sido um dos mecanismos imprescindíveis e utilizados pela campanha eleitoral do governo de ultradireita de Bolsonaro, eleito pelo voto popular, não foi este o único motivo de sua vitória nas urnas em 2018, na condição do mais novo presidente da República do Brasil. Nesse ínterim, os desdobramentos históricos revelaram a existência de grupos de direita e fascistas que vinham se constituindo ao longo da história mundial, como forma de uma ascensão neoconservadora, ultraneoliberal, revestida por características fascistizantes e que se desenvolveram mais intensamente em países periféricos, jamais deslocados dos polos de poder dos países capitalistas centrais.

O que se aponta por sinal, não é apenas um conjunto de ideologias absurdas advindas do bolsonarismo, mas algo que antecede a tal fenômeno, através do uso cibernético mais intenso como forma de propagação da ideologia neoconservadora, pois se trata de um processo histórico-social de avanço e de reprodução do próprio modo de produção capitalista, dentre seu esforço em superar as suas recorrentes crises de rentabilidade.

A adesão ao projeto classista da dominação burguesa passa a ser sustentado pela pequena-burguesia, agarrando-se às promessas de uma pretensa garantia de segurança, numa falsa sensação de controle sobre o caos, oriundo da própria tentativa de saída da crise estrutural capitalista criada por ele próprio. Desta maneira, o conservadorismo contemporâneo ecoa por entre "um aglomerado ideológico mais ou menos coeso que é chamado de nova direita, na qual misturam-se ideais do conservadorismo, do libertarianismo e do reacionarismo" (Gallego: 2018, p. 35). Ou seja, o uso dos aparatos das mídias sociais esteve à disposição da chamada direita golpista o tempo todo. A sua utilização desenfreada foi responsável por espalhar a sua própria ideologia contra a maioria da população brasileira, asseverada por uma cultura "anticomunista” e “antipetista”, escamoteando as várias e incontáveis crises por que passa o capitalismo, corroborando diretamente com a manutenção do poder das classes dominantes, no sentido de se garantir a retomada das taxas de lucro perdidas pelo próprio capital.

Diferentemente do antigo conservadorismo "clássico", o neoconservadorismo - pela via da ultradireita - recusa a democracia, ao flertar com o nazifascismo, na defesa acerca de um discurso de liberdade de expressão orquestrado diante da tentativa de expandir os maiores pesadelos da população em meio ao caos. Tal qual, causado não apenas pelo chamado "fantasma do comunismo", mas decorrente sobretudo do “socorro” à intrínseca crise de rentabilidade do capital, o que se demonstra é que nem mesmo a classe dominante burguesa possui controle sobre as leis gerais de acumulação, ditadas tão somente pelo capital.

Desde 2004, o Brasil vem constituindo uma classe dominante “unida” e dirigente, embora com suas divergências, educando e formando para o consenso intraclasses, na perspectiva de materializar no aparelho do Estado, o seu modelo, principalmente por meio de organizações como o Movimento Brasil Competitivo (MBC), como forma de articulação da grande burguesia (Gallego, 2018). Viabilizado também pelas manifestações reacionárias, o Movimento Brasil Livre (MBL) lançou algumas candidaturas aliadas aos partidos de ultradireita, configuradas por uma nova linhagem política ultraconservadora, balizada por uma figura irracional e caricata como Olavo de Carvalho pautado na concepção desconectada de qualquer referência histórica concreta.

Neste léxico, o bolsonarismo desencadeou uma cultura baseada no ódio de uma classe social dominante sobre as classes trabalhadoras, diante das particularidades da formação sócio-histórica brasileira, centrada no clientelismo, no coronelismo, além da escravização do povo preto, imigrante e marginalizado. O anticomunismo petista, surgido antes mesmo dos jargões proferidos por Jair Messias Bolsonaro, acentuou a reação conservadora de ataque a um determinado grupo social da classe trabalhadora, por sua cor, raça, gênero e classe, através da criminalização dos movimentos sociais de oposição e de esquerda, balizados por uma ideologia reiterada por valores preconceituosos e discriminatórios que evidenciam a naturalização das formas desiguais, derivadas dos conflitos da luta de classes.

A conspiração anticomunista, corroborada pela ultradireita, reforça a ascensão do neofascismo, balizada pelo bolsonarismo, se coloca “[...] diante de um projeto societário ultraneoliberal, numa disputa ainda mais ávida do capital pelo fundo público” (Almeida, 2020, p.722), além de ser reforçada pelo conteúdo pró-capitalista trazido pela política de conciliação de classes que tem sustentado o atual governo de Lula (PT) e da frente ampla burguesa.

**De formas nunca abandonadas à ascensão do (neo)fascismo como instrumento de sobrevivência do capital**

As reações às estratégias do capital para camuflar as contradições oriundas do conflito das lutas de classe derivam de respostas imediatas e pontuais de cunho irracional. Aqui, o neoconservadorismo, em seu caráter fascista, configura-se enquanto uma corrente marcada por seu caráter violento. O resultado deste processo pode ser amplamente visualizado por meio dos ataques antidemocráticos ocorridos em oito de janeiro de 2023, em Brasília-DF, enquanto desfecho da crise política, sobretudo, advindo da vitória de Lula (PT) nas urnas por meio do voto popular, através do seu governo burguês de frente ampla não só como pretensão de derrotar a ultradireita, mas a de garantir a democracia burguesa por meio da lógica reformista de centro-esquerda (Cavalcante, 2023).

A ofensiva neoconservadora, atribuída à negação da razão, tal qual ocorreu em oito de janeiro de 2023, em Brasília-DF, asseverando a tentativa de golpe contra a posse de Lula, promovendo os atos golpistas desferidos contra os poderes constituídos da república brasileira, impulsionaram o conservadorismo contemporâneo, através do neofascismo, voltado aos interesses mais imediatos da classe dominante contra a classe trabalhadora. Ou seja, determinados agrupamentos suscitam o medo como forma de atuação política da ultradireita. Assim, basta um olhar para as considerações que envolvem o próprio fascismo, como forma de atendimento aos interesses do capital em momentos de acirramento das contradições entre as classes sociais.

Neste âmbito, há de se apontar que a via neofascista não significa somente dizer que tais ações subsistem à dinâmica histórica da realidade burguesa fascista. Mas, para além disso, o neofascismo se mostra sob novas características, embora vinculado àquelas trazidas do fascismo do período entre guerras.

Enquanto isso é preciso esclarecer que o conservadorismo dispõe de um discurso confuso, linear, pautado pela incoerência entre apropriações retóricas, sob uma postura antirrevolucionária, quer seja do ponto de vista anticomunista quanto antipetista, ao não aprofundar teoricamente o que representa tais concepções, completamente distintas entre si. Além disso, o conservadorismo apresenta sua face violenta e irracional por ser conivente com os interesses da classe dominante e por se utilizar da dinâmica de cooptação de classes, da busca pelo consenso social, reforçando-se as posturas neofascistas, próprias das refrações da luta de classes, advindas do próprio movimento real e contraditório da sociedade de classes capitalista.

Eis que o neofascismo emerge aliado aos partidos mais conservadores, tal qual o do regime fascista de Mussolini na Itália, filiado aos partidos de direita e os mais conservadores. Assim, o seu alinhamento aos interesses da conservação da ordem societária do campo da ultradireita, está vinculado diretamente aos grupos das alas fascistas, lutando contra um adversário comum, isto é, o comunismo.

Mesmo que o conservadorismo preserve os interesses da classe dominante burguesa, a ordem capitalista ainda existiria sem o fascismo, pois prescindiria e se disporia de outras formas violentas para a permanência no poder. Assim, o fascismo apenas encontra espaço na sociedade burguesa à medida que se oferece enquanto um instrumento de manutenção deste modelo econômico e social. Portanto, o fascismo “foi pedra de toque da constituição do discurso lulista. [...] No Brasil deste século, o fascismo foi então uma arma linguística de construção discursiva lulista e tem sido também, [...] agora atualizada pelas redes sociais, com o bolsonarismo” (Avelar, 2021, p. 293). Os dois governos reformistas de Lula, as intervenções de Dilma Roussef na economia, até o governo golpista de Michel Temer, permitiram com que "os intelectuais acríticos do lulismo tanto xingaram todos os outros sujeitos políticos de fascistas que o fascismo de verdade acabou aparecendo um dia" (Idem, 2021 p. 49).

O resultado do processo acima culminou com a chegada ao poder do governo fascista de ultradireita de Bolsonaro. Na tentativa de combater o bolsonarismo, foi formada uma frente ampla em que o governo Lula/Alckmin alcança o poder político burguês, articulando-se enquanto uma espécie de substituição dos governos de ultradireita por um governo de centro-direita (com apoio da centro-esquerda). Tal articulação política resultou num governo de conciliação de classes, ao servir diretamente aos interesses da burguesia nacional, diante do processo de colaboração de classes, utilizados contra os interesses das classes trabalhadoras no país.

O resultado deste alinhamento político, em âmbito federal, ao mesmo tempo tendo derrotado o bolsonarismo nas urnas, representa um alinhamento burguês, endossando a guinada à direita do governo lulista, à medida que reproduz a lógica neoliberal da defesa dos credores da dívida pública e, consequentemente, da lógica de reprodução do capital, mantendo-se um discurso de combate à ultradireita fascista, não pela via do aprofundamento da luta de classes, mas pelo viés deformado do reformismo.

As consequências deste processo atingem diretamente o Serviço Social - que está inserido nas relações da dinâmica do capital - e tem observado o recorrente encolhimento das políticas públicas e sociais, pela sua descontinuidade e falta de recursos, sendo intensificadas pelo ultraneoliberalismo que atua economicamente para atender os setores privilegiados do sistema do capital e em detrimento dos setores das classes trabalhadoras.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em linhas gerais, a restauração neoconservadora é o resultado das formas de respostas à crise estrutural do capital, na perpetuação da democracia burguesa, ao orquestrar as várias formas de opressão social. Neste contexto, a democracia burguesa é incapaz de responder aos interesses da classe trabalhadora frente aos múltiplos conflitos de classe.

A ofensiva neoliberal atinge o Serviço Social sob a lógica arraigada da perspectiva individualista, moralista e culpabilizante dos sujeitos pelas condições materiais vividas, através das leis tendenciais do capitalismo, como forma de garantia da acumulação capitalista, por meio da expropriação do trabalho vivo.

Assim, o Serviço Social é reconfigurado na lógica da reprodução da força de trabalho estabelecida pelo direito burguês, devendo compreender a sociedade contraditória de classes na qual está inserido. Esta mesma sociedade de classes, através das classes dominantes, visa a retomada das taxas de lucro do capital, originárias das recorrentes crises de superprodução e ou superacumulação do capital, provocando altos índices de inflação e desemprego de uma superpopulação absoluta e relativa, sob a ascensão do neoliberalismo draconiano pelo seu trâmite neoconservador, que de nada tem servido aos interesses das classes trabalhadoras.

A reconfiguração neoconservadora, posta na ordem do dia pelo capital, se apresenta enquanto uma sentença neoliberal ao trabalhador, agora plataformalizado, pejotizado pela escravidão digital, escancarando as contradições do capital mundial em tempos de barbárie, sobretudo nos países mais periféricos como o Brasil.

No que tange às aproximações e distanciamentos entre o conservadorismo "clássico" e o neoconservadorismo, nota-se que tal corrente assume um novo prefixo: o (neo). Tal prefixo carrega consigo o reforço à caracterização de um conservadorismo reacionário e autoritário que corrobora com a desmobilização dos movimentos sociais, inibindo a potência da pressão popular sobre as iniquidades do capital, aprofundada pela própria crise sanitária da pandemia da Covid-19. O neoconservadorismo reforça o corolário das formas nazifascistas interpostas pelos governos de ultradireita contra as classes trabalhadoras, reafirmando o reformismo burguês, diante do fracasso da superação da lógica de reprodução frente às inúmeras crises sistêmicas do capital.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AVELAR, Idelber. **Eles em nós:** retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI / Rio de Janeiro: Record, 2021, 1. Ed.

ALMEIDA, Guilherme Silva de. Notas sobre a complexidade do neoconservadorismo eseu impacto nas políticas sociais. **Revista** **Katálysis**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 720-731, set./dez. 2020.

BURKE, Edmund: 1729-1797**. Reflexões sobre a Revolução em França**. Tradução de Renata de Assumpção Farias, Denis Fontes de Souza Pinto e Carmem Lidia Richter Ribeiro Moura. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982.

BRASIL. Ministério da Saúde. COVID19 – Painel Coronavírus. Brasília, 2023. Acesso em: 18 agosto de 2023. Disponível em: https://covid.saude.gov.br/

CAVALCANTE, Sávio. Jornal da UNICAMP: **O dia 8 de janeiro como insurreição neofascista** | Unicamp. 13 de janeiro de 2023. Professor do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp Disponível em:< https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/minuta-do-golpe>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2023.

COUTINHO, João Pereira. **A ideologia Conservadora: explicada a revolucionários e reacionários.** João Pereira Coutinho. - São Paulo: Três estrelas, 2014.

FIGUEIREDO, Tatiana Silva Poggi de. **Neofascismo em cena**: o avanço conversador norte americano e o caso da National Alliance / Tatiana Silva Poggi de Figueiredo. Dissertação (Mestrado em História Social da Universidade Federal de Fluminensce), Niterói. 2008.

GALLEGO, Esther Solano. **O ódio como política**: a reinvenção da direita no Brasil / Miguel, Luis Felipe [et al.] ; organização Esther Solano Gallego ; 1. ed. – SãoPaulo : Boitempo, 2018.recurso digital : il. (Tinta vermelha).

IASI, Mauro Luis. Boitempo. **De onde vem o conservadorismo?.** Publicado em 15 abril de 2015. Disponível em: < https://blogdaboitempo.com.br/2015/04/15/de-onde-vem-oconservadorism>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2023.

KIRK, Russell. **Breve manual de conservadorismo**. /Russell Kirk; tradução: Ulisses Teles. – São Paulo: Trinitas, 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade**. Fundamentos de Metodologia Científica.** 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2003.

MARX, Karl, 1818-1883. **Manifesto do Partido Comunista.** / Karl Marx e Friedrich Engels; tradução de Sergio Tellaroli; pósfácio de Marshall Berman. Revisão técnica Ricardo Musse. – I ª ed. – São Paulo: Peguin Classic/Companhia da Letras, 2012.

\_\_\_\_\_\_. O 18 de Brumário de Luís Bonaparte / Karl Marx ; [tradução e notas Nélio Schneider ; prólogo Herbert Marcuse]. - São Paulo : Boitempo, 2011. (Coleção MarxEngels).

\_\_\_\_\_\_.1818-1883. A ideologia alemã / Karl Marx e Friedrich Engels ; introdução de Jacob Gorender] ; tradução Luis Cláudio de Castro e Costa. - São Paulo : Martins Fontes, 1998. -(Clássicos)

MARTINS, Carlos Benedito, 1948 – **O que é Sociologia**. Carlos Benedito Martins – São Paulo: Brasiliense, 2004. – (coleção primeiros passos; 57) 61ª impressão da 1ed. de 1982.

NETTO, José Paulo. **Economia Política**: uma introdução crítica. Marcelo Bras. – 8. ed. –São Paulo: Cortez, 2012. – (Biblioteca básica de Serviço Social; v. 1).

NETTO, Leila Escorsim. **O Conservadorismo Clássico**: elementos de caracterização e crítica. São Paulo. Editora Cortez; 2011.

QUINTANEIRO, Tania. **Um toque de clássicos:** Marx, Durkheim e Weber. Tania Quintaeiro. Maria Ligia de Oliveira Babosa, Márcia Gardênia de Oliveira. – 2. Ed. rev. amp. –Belo Horizonte: Editora UFMG, 20002. 159 p. – (aprender).

ROSAS, Pablo Ornelas. **Fascismo Tropical:** uma cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras. Vitória-ES: Milfontes, 2019.

SAKS, Flavia do Canto. **Busca Booleana:** Teoria e Prática. Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso de Gestão da Informação, setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná (UFPR) 2005.

SCRUTON, Roger. **Conservadorismo**: um convite à grande tradição. / Roger Scruton; tradução Alessandra Bonrruquer. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2019. recurso digital.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. **Tendências ideológicas do Conservadorismo** / Jamerson Murillo Anunciação de Souza. – Recife: Ed. UFPE, 2020. Originalmente apresentada como tese do autor (doutorado – UFPE. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Serviço Social, 2016).

TRAVERSO, Enzo. **As Novas formas do Fascismo**: populismo e a extrema direita. Les Nouveaux visagesdufascisme. Enzo Traverso.ÉditionsTextuel, 2017; Editora Âyiné, 2021. Tradução: Mônica Fernandes, Rafael Mello, Raphael Lana Seabra; Conversão para ebook: Cumbuca Studio.

1. "As estratégias de busca (booleana) são baseadas na combinação entre a informação contida em determinados

documentos e a correspondente questão de busca" (SAKS, 2005, p. 4). [↑](#footnote-ref-1)
2. Esquema elaborado pela própria autora, acadêmica graduanda do quarto ano de Serviço Social da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) – *campus* de Apucarana, Vitória Regina da Silva, por meio do mapeamento dos artigos realizado junto com a também acadêmica Bianca Cristina Alberto, graduanda do terceiro ano do Curso de Serviço Social desta mesma universidade. [↑](#footnote-ref-2)
3. Conferir NETTO, Leila Escorsim. **O Conservadorismo Clássico**: elementos de caracterização e crítica. São Paulo. Editora Cortez; 2011. [↑](#footnote-ref-3)